



Retrato presuntivo de Frei Veloso
Desenhado por Augusto Esteves (1955)

Frei Veloso, Insigne Botânico Brasileiro

por José Ribeiro do Valle (*)

A vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1807, pode ser apreciada como forte impulso para o nosso desenvolvimento sócio-cultural. Na verdade, porém, o genuíno sentimento nacionalista já se esboçara bem antes, por exemplo, em Minas com o drama de Felipe dos Santos a pavimentar o caminho dos inconfidentes.

Com a princesa D. Leopoldina chegaram naturalistas estrangeiros, atraídos pelo nosso universo verde, e que muito contribuíram para o avanço das ciências naturais. Convém lembrar, todavia, que, na época, já contávamos com brasileiros voltados para a opulência de nossas grandezas na original expressão de Antonil. Duas personalidades de escola se impõem desde logo ao estudioso de nossa história científica e que merecem a nossa admiração e reverência: Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) e Frei José Mariano da Conceição Veloso (1741-1811).

Frei Veloso, no século José Veloso Xavier, primo de Tiradentes, nasceu a 14 de dezembro de 1741 na Freguesia de Santo Antônio da Vila de São José, comarca do Rio das Mortes, bispado de Mariana, antiga São José d'El Rei, hoje Tiradentes. Como franciscano professor ele no convento de São Boaventura do Macacú, no município de Nova Friburgo, em 1762. Desde cedo revelou acentuado pendor para o estudo da história natural e achava bastante encanto na observação da natureza, particularmente das plantas. Criança ainda as contemplava cheio de curiosidade e, muitas vezes, deixava de ir às aulas para embrenhar-se nas matas esquecido de tudo, só preocupado na análise das flores que deparava como que desejoso de desvendar todos os seus segredos. Ampliou seus conhecimentos de filosofia e teologia no convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro onde lecionou sucessivamente geometria, retórica e história natural tendo sido nomeado lente dessa disciplina em janeiro de 1786. Com crescente entusiasmo pela Botânica transformou a sua cela em pequeno laboratório contando com a colaboração

de Frei Anastácio de Santa Inês como secretário e de Frei Francisco Solano como desenhista. Não cessava suas excursões pelas cercanias do convento e pelo interior até o Paraíba do Sul, classificando plantas pelo sistema de Lineu, vindo a coletar cerca de dois mil exemplares em oito anos de proflua atividade.

Em 1779 chegando ao Brasil o Vice-Rei Luiz de Vasconcelos e Souza quem logo se apercebeu do talento e da predileção de Frei Veloso pelas ciências naturais. Conseguiu ele, então, do Provincial da Ordem liberá-lo da rotina dos ofícios religiosos para se dedicar ainda mais ao trabalho de campo e poder reunir os resultados de suas investigações numa obra de relevante alcance científico. Foram estes os primórdios de sua *FLORA FLUMINENSIS* trazendo as descrições e as figuras de mais de 1.600 espécies vegetais num esforço redobrado, terminada só em 1790, doze anos após a morte de Lineu.

Na companhia de seu patrono o Vice-Rei Luiz Vasconcelos e Souza seguiu para Lisboa onde logo passou a privar da amizade e do reconhecimento de homens influentes na corte. Viu-se, então, nomeado pelo Príncipe Regente D. João VI diretor da Tipografia Real Chalcográfica do Arco do Cego. Com zelo e eficiência a atuação de Frei Veloso no cargo foi das mais expressivas ao dirigir e acompanhar a impressão de obras e traduções suas e de jovens talentos, tanto portugueses, Bocage e José Agostinho, quanto brasileiros Fernandes Pinheiro, Nogueira da Gama e Hipólito José da Costa.

Foram ali publicados livros e opúsculos de natureza didática ou pragmática úteis à Agricultura como o Fazendeiro Lavrador e à Indústria como a Memória sobre a prática de fazer salitre, a Quinografia Portuguesa, coleção de várias memórias sobre vinte e duas espécies de quina, a Alografia dos alcalis, etc. Sob sua responsabilidade saiu no 5º tomo do Fazendeiro do Brasil, publicado em 1799 por ordem de D. João VI e traduzido do italiano, um artigo sobre a cultura do cânhamo dado o interesse das fibras da planta na fabricação de cordoalha para os navios. Parece ter iniciado na mesma Tipografia a impressão de sua *FLORA FLUMINENSIS*. O fato é que voltando ao Brasil, juntamente com a família real, trouxe os seus manuscritos e as

* Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo a 5 de setembro de 1985. Membro do Instituto e Professor Emérito da Escola Paulista de Medicina.

suas estampas passando a revê-los em seu Convento de Santo Antônio no Rio de Janeiro onde veio a falecer aos 13 de junho de 1811. Ali está sepultado ao lado da Princesa Leopoldina, de Frei Mont'Alverne e do poeta Souza Caldas.

Após a morte de Frei Veloso a sua *FLORA FLUMINENSIS* ficou arquivada na Biblioteca Nacional. Frei Borgmeier informa: Todos os manuscritos e impressos pertencentes ao espólio de Frei Veloso foram oferecidos ao Príncipe Regente pelo então Vigário Provincial dos Franciscanos do Rio de Janeiro. Foram aceitos e deram entrada na Biblioteca Real a 13 de Novembro de 1811. Entre os documentos se achavam todos os originais da *FLORA FLUMINENSIS*.

Em 1825, por iniciativa do bibliotecário Frei Antônio de Arrabida e o apoio de D. Pedro I, a *FLO-RA*, começou a ser impressa. Conta-se que o interesse pela divulgação, do material, felizmente encontrado, adveio da publicação em Munich, em 1824 do 1º fascículo da *FLORA FLUMINENSIS* de Martius. Ao examiná-lo teria comentado o Imperador: "Naturalistas brasileiros poderiam bem ter escrito isto". Com certeza ele se referia a Frei Veloso.

Frei Thomaz Borgmeier escreveu à sociedade a história acidentada da impressão da *FLORA FLUMINENSIS*, na Tipografia Nacional do Rio de Janeiro. O volume, hoje raridade bibliográfica, abrange 352 páginas e versa sobre 309 gêneros de plantas. A impressão das estampas começou em Paris, em 1827, após contrato assinado com J. Knecht e terminou em 1831. Consta de 60 fascículos formando 11 volumes *in-folio* e a tiragem total de 3 mil exemplares. Com a abdicação de D. Pedro I e o não cumprimento de cláusulas contratuais a firma impressora acabou vendendo a peso a quase totalidade das estampas reservando, porém, 100 exemplares para livreiros. Por obra do acaso salvou-se milagrosamente pequena parte da tiragem que veio ter a Biblioteca Nacional. Triste foi o destino que tiveram os demais exemplares dos 11 volumes das estampas. Tudo ou quase tudo acabou se perdendo ou apodrecendo nos saguões das secretarias ou vendidas para fábrica de papel. O mesmo sucederia anos depois com alguns originais de trabalhos de Lund (1801-1880) adquiridos por um fogueteiro. É digno de reparo e contrista o coração dizer-se que só no Brasil se dispõe como papel sujo ou de embrulho o produto da inteligência e da arte adquirido com tantas fadigas e trabalhos (Borgmeier, pg. 14).

Sabe-se que estampas de Frei Veloso assim como trabalhos de Alexandre Rodrigues Ferreira foram pilhados durante a ocupação de Portugal por tropas napoleônicas comandadas pelo General Junot e aproveitados por Saint Hilaire e De Candolle ensinando Artur Neiva a escrever: "Muitas das espécies descritas pelos irmãos Saint Hilaire (Geofroy e Augusto) foram baseadas nas descrições, estampas e material coligido pelos brasileiros Alexandre Rodrigues Ferreira e José Mariano da Conceição Veloso vítimas da incompreensão do meio em que viveram e da inaudita usurpação que lhes fizeram os sábios franceses (cf. Frei Bor-

gmeier pg. 6).

Certa ocasião visitando o Laboratório do Prof. Oswaldo Gonçalves Lima, em Recife, li num quadrinho afixado numa das paredes de seu escritório um pensamento que vem aqui a propósito: "Conheci e conheço muitos cientistas dignos de minha admiração e de meu apreço mas sei de alguns, entretanto, que, pela falta de ética e até falcatruas deveriam estar na cadeia".

Em officio ao Marquês de Borba, datado de 11 de março de 1813, o administrador da Imprensa Regia de Lisboa comunicou à Biblioteca Real da Corte do Rio de Janeiro a remessa pelo navio Vitória de 5 caixas contendo livros, publicações e documentos relacionados como obras de Frei Veloso. Frei Borgmeier, no artigo citado, menciona as diagnoses de 1626 espécies botânicas que aparecem na *FLORA FLUMINENSIS* distribuídas em 396 gêneros, 99 dos quais foram criados por Veloso mas a maioria caída em sinonímia dado o tempo decorrido entre as descrições do material e a data de sua publicação.

Saldanha da Gama, em extenso trabalho oferecido a D. Pedro II, escreveu que Frei Veloso, além do interesse em catequizar os índios Arari, os antigos Tamoios, não perdia oportunidade de estudar animais e plantas. O seu *AVIÁRIO ORNITOLÓGICO* é mais uma prova de seus méritos de naturalista.

Em 1881, Ladislau Neto, então diretor do Museu Nacional, deu integral publicidade no volume V dos Arquivos do Museu o texto da *FLORA FLUMINENSIS* abrangendo 461 páginas prestando assim inestimável serviço à ciência e merecida homenagem à memória de Frei Veloso o infatigável botânico brasileiro cuja coragem e robustez de espírito o levaram a vencer tantos tropeços e dificuldades. Faleceu ele aos 70 anos sem ter a oportunidade de ver publicada a sua maior obra.

Sabia da existência da revista *VELLOZIA*, batizada em homenagem a Frei Veloso. O 1º número do 1º volume foi publicado no Rio de Janeiro, em dezembro de 1961, pelo Centro de Pesquisas Florestais e Conservação da Natureza. Nesse número inaugural aparece extenso artigo de Fuad Atala, botânico do corpo técnico daquele Centro, fazendo a história da obra máxima de Frei Veloso sobre a qual Martius fez apreciações contraditórias sem deixar de reconhecer, contudo o interesse do trabalho.*

Apesar de reparos o valor científico da obra de Veloso persiste e merece os encômios dos especialistas. Veloso deve ser considerado, com justiça, figura ímpar entre os maiores botânicos que o Brasil tem produzido entre eles Alexandre Rodrigues Ferreira, Freire Alemão, Barbosa Rodrigues, Frei Leandro e Arruda Camara.

Frei Veloso foi um exemplo de virtude e de trabalho, um fervoroso pregador da fé e eloquente apóstolo da Ciência (Álvaro da Silveira).

O Prof. Walter Cardoso, em recente palestra durante a 37ª reunião da SBPC em Belo Horizonte, sobre Frei Veloso lembrou a personalidade de outro Veloso, o Dr. Joaquim Veloso de Miranda também mineiro, religioso e botânico formado em Coimbra onde estudou com o italiano Domingos Vandelli. De-

* Devo estas informações ao Dr. Oswaldo Fidalgo do Instituto de Botânica de São Paulo.

correm das confusões na literatura por exemplo o gênero *Vellozia* passa por homenagem de Vandelli a seu discípulo e não a Frei Veloso.

Quanto ao gênero *Joannesia* e *Saldanha* foram homenagem de Frei Veloso respectivamente ao Príncipe Regente D. João VI e ao Governador de São Paulo Lobo Saldanha.

O Dr. Joaquim Veloso de Miranda (1750-1817) conhecido e respeitado pelos naturalistas da época, trabalhou para o Museu do Rio de Janeiro, sua obra ficou quase toda inédita. Era sobrinho do Frei Santa Rita Durão, autor do poema épico o *CARAMURU*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATALA, Fuad - A história da Flora Fluminensis de Frei Vellozo. *Vellozias*, vol. I, nº 1, pgs. 36-45, 15 de dezembro de 1961.

BORGMEIER, Frei Thomaz - A história da "Flora Fluminensis de Frei Vellozo. In Documentos do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Arquivo Nacional, 1961:3-339. (cf. *Infra*).

———. A Botânica e a Zoologia no Brasil. A propósito de um Livro de Arthur Neiva. *Voices de Petrópolis* 1930, págs. 880, 935, 1.059, 1.127 e 1.181.

CAMINHOÁ, J. M. - Frei Mariano Velloso. In *Elementos de Botânica Geral Médica*. Typ. nac. Rio de Janeiro, 1877. cf. pg. XXXIV.

CARDOSO, Walter - Dados sobre Frei Veloso. Com. 37ª Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte - Julho, 1985.

FERREIRA Lagos, M. - Elogio Histórico do Padre Mestre Frei José Mariano da Conceição Vellozo. *Rev. Ins. Hist. e Geogr. Brasileiro* 2:596-614, 840.

HOEHNE, F. C., Kuhlmann, M. e Handro, O. - José Mariano da Conceição Veloso. In *O Jardim Botânico de São Paulo*. Emp. Gráfica Revista dos Tribunais, São Paulo, 1941; 656 pgs. (pg. 238) (cf.).

MACEDO, Joaquim Amaral - *Anno Bibliographico Brasileiro*, 1º vol., Rio de Janeiro, Typographia do Imperial Instituto Artístico. cf. José Mariano da Conceição Velloso 1º volume pgs. 457-460, 1876.

RIBEIRO do Valle, J. - José Mariano da Conceição Velloso (Bibliographical notes). In *Primordia Pharmacologiae in Brasilia*. São Paulo, Emp. Graf. Rev. dos Tribunais, 1966, pgs. 163-170.

———. A Farmacologia no Brasil (Antecedentes e Perspectivas). São Paulo, Dag Ltda., 1978, 230 pgs. (cf. pgs. 41, 42 e 194).

———. Contribuições antigas de Garcia da Orta e de Frei Veloso a propósito do canhamo ou maco-nha. *Ciência e Cultura* (São Paulo) 23:459-463, 1971.

SACRAMENTO Blake, A. Alves - *Dicionário Bibliographico Brasileiro*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, vol. V. pgs. 64-70, 1899.

SALDANHA da Gama, José - *Biographia do Botânico José Mariano da Conceição Velloso*. Revista trimestral do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil, 4º trimestre pgs. 139-306, 1868.

SILVEIRA, Álvaro da - Frei Veloso. Conferência na Academia Mineira de Letras na Sessão de 7 de novembro de 1915. cf. "O Naturalista Frei Conceição Velloso". *Rev. da Academia Mineira de Letras*, Anno 1, num. 1, pgs. 61-73. Imprensa Oficial. Belo Horizonte, 1922.

STELLFELD, Os dois Vellozo. Graf. Editora Souza, Rio de Janeiro, 1952, 267 pgs.

VELLOZO, Frei Mariano da Conceição - Flora Fluminensis. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, col. V., 1881, 461 pgs.

VELLOZO, Frei José Mariano da Conceição. Biografia. In *Encyclopedia e Dicionário Internacional*. W.M. Jackson Inc. Rio de Janeiro e Nova York. vol. XX, pg. 11.875.

———. Flora Fluminensis. Documentos Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1961, 399 pgs.

———. Plantas Fluminensis descritas por Frei Velloso. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 96:123-133, 1976.